



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)**



**TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista**

**BOLSISTA: NICOLLY KAROLYNE ALMEIDA DA COSTA BEZERRIL**

**Resenha: Frida**

O drama biográfico intitulado *Frida*, baseado na biografia de mesmo nome, escrita por Hayden Herrera, é dirigido por Julie Taymor, cineasta americana também conhecida por dirigir outras produções, como *Across the Universe* (2007) e *The Tempest* (2010). O presente longa estreou em 2002 e foi contemplado com diversas indicações e premiações cinematográficas, incluindo o Oscar de Melhor Maquiagem e de Melhor Trilha Sonora.

O filme aborda uma história verídica que transcorreu no início do século XX, em um contexto marcado pela Revolução Mexicana, um movimento que contestava o conservadorismo vigente, dada à oposição às oligarquias que dominavam o poder do México. Diante desse cenário nasce Frida Kahlo, pintora mexicana considerada uma das maiores artistas da época, bem como um importante símbolo feminista para a atualidade, graças ao seu posicionamento político liberal e empoderamento social, diante de um contexto ainda conservador.

À vista disso, o longa se propôs a retratar a trajetória de vida da artista, com ênfase no seu conturbado relacionamento amoroso. A princípio, somos capturados pela cena que evidencia um grave acidente sofrido pela protagonista aos 18 anos de idade (1925), que a sujeitou a passar por um decúbito prolongado em razão das fraturas vertebrais a que foi exposta. Nesse ínterim, marcado por intensa dor e sofrimento, Frida iniciou sua jornada no mundo das artes por meio da pintura de autorretratos que traduziam visualmente suas angústias.

Desde então, a protagonista seguiu adotando essa proposta artística, movida não apenas pela dor física que sentia, mas também pela dor emocional a que foi submetida no decorrer dos anos. Nessa perspectiva, um dos fatores que contribuíram para essa condição se deu a partir do seu matrimônio com um conceituado pintor mexicano, Diego Rivera, com quem partilhava grande admiração, devido ao apreço mútuo pela arte e pelo ideal comunista. Entretanto, durante considerável parte do seu matrimônio, Frida se manteve afastada da prática artística pois optou por dedicar seu tempo ao lar e a depender financeiramente do marido, conduta que reflete a realidade de muitas mulheres inseridas em um relacionamento abusivo, pois essa é uma condição capaz de suprimir as ambições pessoais e profissionais das vítimas.

Ademais, dentre as conturbações enfrentadas durante seu casamento, destacam-se seus três abortos sucessivos, decorrentes das sequelas causadas pelo

acidente de 1925, e as relações extraconjugais do marido, que provocaram em Frida grande sofrimento. Esses acontecimentos resultam na separação do casal, sendo a sucessão desse episódio marcada por uma mudança radical na vida da personagem, onde o uso abusivo de álcool e a exploração da sua bissexualidade se configuram como aspectos pertinentes. Esse período é ainda marcado por um maior fomento a arte por parte da artista, em que é possível verificar uma maior visibilidade das suas obras em âmbito internacional.

Contudo, apesar dessa fase de ascensão, o decorrer da sua história se perpetua de maneira trágica e dolorosa, onde Frida teve que ser submetida a uma sucessão de coletes de gesso, pareceres médicos e cirurgias. Não obstante, Frida continuou retratando suas vivências em suas telas, que se apresentavam ainda mais sombrias a medida que o seu sofrimento aumentava. No mais, aos 47 anos de idade, Frida falece em decorrência de complicações em seu estado de saúde, o que marca o desfecho dessa história.

Hodiernamente, a figura de Frida adquiriu uma grande relevância e admiração em âmbito mundial, haja vista sua postura questionadora frente a sociedade patriarcal e machista em que vivia. Diante disso, ao abordar a história de vida da artista, o filme consegue trazer reflexões pertinentes sobre o assunto que nos permitem desconstruir estereótipos de gênero enraizados na nossa cultura ocidental.

Em última análise, é possível inferir que essa obra apresenta uma trilha sonora e ambientação cenográfica impecável, as quais promovem uma ótima experiência ao espectador. Atrelado a isso, o filme se destaca pela brilhante performance da atriz Salma Hayek, que atribuiu grande veracidade ao papel de Frida. Entretanto, um dos principais defeitos desse longa compreende a adoção do idioma inglês, apesar da forte relação da protagonista com a cultura mexicana.